

## **Um abismo chamado República**

### **No livro Balmaceda, Joaquim Nabuco compara a guerra civil do Chile à ditadura que se instaurou no Brasil com a chegada do novo regime**

Ricardo Souza de Carvalho

Guerras civis e anarquia sob o comando de um ditador sanguinário obcecado pelo poder. Se esta era a regra nas repúblicas sul-americanas, o Brasil estreou seu novo regime fiel à cartilha. E o Chile, que foi durante muito tempo uma exceção, também se juntaria à série de ditaduras do continente no agitado final daquele século XIX.

Coube ao famoso abolicionista (e monarquista) Joaquim Nabuco (1849-1910) apontar semelhanças entre as presidências de Floriano Peixoto (1891-1894), no Brasil, e Juan Manuel Balmaceda (1886-1891), no Chile. Nos artigos que escreveu para o *Jornal do Comércio* em 1895 – reunidos no mesmo ano no livro *Balmaceda – Nabuco desfia*, sob o frescor de acontecimentos recentes, suas críticas às sanguinárias repúblicas, em contraste com o pacífico e próspero Império do Brasil.

A chegada do marechal Floriano ao poder em 1891 confirmou os piores prognósticos de Nabuco. Revoltas contra o governo, assumido pelo vice após a renúncia do marechal Deodoro da Fonseca, deixaram o país na iminência de uma guerra civil. Uma das mais tensas foi a Revolta da Armada: de setembro de 1893 a março de 1894. A população do Rio de Janeiro encontrou-se sob fogo cruzado, tanto dos navios na baía de Guanabara quanto da resistência em terra sob o comando do presidente, enfim vitorioso. Conquistada a fama de “marechal de ferro”, atiçava sentimentos antimonarquistas de seus seguidores no combate aos considerados inimigos da nação. Prisões, exílios e mortes silenciavam os opositores.

Joaquim Nabuco viveu na própria pele esse período de insegurança. Por ser monarquista e simpatizante de Saldanha da Gama, um dos líderes da Revolta da Armada, corria o risco de ser preso. A aversão a Floriano crescia à medida que reconhecia no presidente a tirania de muitos líderes sul-americanos, como o argentino Juan Manuel Rosas e o paraguaio Francisco Solano Lopez. O homem que investira toda uma carreira na causa abolicionista vislumbrava a missão, acima de suas forças, de libertar os “escravos” do continente – “Pobres países da América Latina! São os escravos que eu trataria de resgatar, se dispusesse dos elementos todos da civilização!”, escreveu no seu diário pessoal em 22 de outubro de 1893.

O que estava ao seu alcance ele fez: salvar a memória paterna e do Brasil. Para que não fosse destruído pelos florianistas, protegeu e organizou o imenso arquivo deixado por José Tomás Nabuco de Araújo (1813-1878), um dos grandes políticos do Segundo Reinado. Retomava o antigo projeto de contar a história da “Grande Era Brasileira” a partir da biografia do pai, que publicaria entre 1897 e 1899 sob o título *Um estadista do Império*. Se na ação política não podia fazer mais nada, por meio da palavra combateria a dissolução dos princípios e dos valores na República, homenageando os estadistas responsáveis pela construção do Brasil e, acima de todos, D. Pedro II.

***Nabuco parte do princípio de que o Império do Brasil e a República do Chile eram exceções entre as “ondas revoltas e ensanguentadas” do continente***

Quando trata do tumultuado Período Regencial (1831-1840), o historiador é enfático ao afirmar que sem o golpe que antecipou a maioria de D. Pedro II a nação seria lançada no abismo e a unidade nacional seria desfeita em pedaços. O “abismo” significava seguir o caminho das nações sul-americanas, “com as suas dinastias de ditadores, ‘meio bandidos, meio patriotas’, como foram formados, e que formam, com rara exceção, a mais extensa série de governos degradantes entre povos de origem europeia”, como escreve em *Um estadista do Império*.

Foi durante a produção de sua obra mais importante que Nabuco publicou a série de artigos sobre o governo do presidente chileno Balmaceda. Neles, comentava os episódios dramáticos da história do Chile e os relacionava ao contexto nacional. Era 1895 e o Brasil já contava com seu primeiro presidente civil, Prudente de Moraes, mas a situação política continuava tensa. Floriano Peixoto ainda era cultuado como um grande líder, mesmo após a sua morte, em 29 de junho daquele ano. Era necessário voltar-se para os países hispano-americanos para entender o que acontecia conosco e pensar em nossas perspectivas.

Nabuco parte do princípio de que o Império do Brasil e a República do Chile eram exceções entre as “ondas revoltas e ensanguentadas” do continente: “tínhamos a mesma continuidade de ordem, de governo parlamentar, de liberdade civil, de pureza administrativa, de seriedade, decoro e dignidade oficial”. Essa estabilidade não livrou os dois países de se envolverem nas maiores guerras externas de suas histórias. Para o Brasil, a Guerra do Paraguai (1864-1870) marcou o apogeu e o início do declínio do Império, em parte provocado pelo maior contato com os vizinhos e o despertar do ideário republicano. Quanto ao Chile, após a Guerra do Pacífico (1879-1883), conquistou ao norte territórios da Bolívia e do Peru, onde a exploração do salitre tornou-se grande fonte de riqueza. Mas o que importa para Nabuco é que a República no Brasil, especialmente sob o governo de Floriano, e a presidência de Balmaceda no Chile teriam abalado essas nações, que passaram a integrar a regra sul-americana de arbitrariedades e violência.

Membro do Partido Liberal Reformista, José Manuel Balmaceda (1840-1891) foi deputado por quatro mandatos consecutivos. Na presidência do Chile a partir de 1886, revelou-se para Nabuco um ditador que colocava os seus interesses acima dos do país. Os títulos escolhidos para três partes do livro *Balmaceda* indicam tal ponto de vista: “Ensaio geral de ditadura”, “Ditador” e “A tirania”. O ensaísta propõe dois campos antagônicos. De um lado, a crescente “onipotência do Poder Executivo” para conseguir o apoio dos partidos em prol de “uma grande política de desenvolvimento material”. De outro, uma “degradação do Congresso”, que se sentia ameaçado pelo presidente. Confrontavam-se a ditadura ao estilo sul-americano e a excepcionalidade do Chile no continente. O ápice se deu quando o Congresso não aprovou a lei de orçamento de 1891 e Balmaceda impôs que ela entrasse em vigor. Fechadas as suas portas, o Congresso e grupos opositores rebelaram-se contra o presidente, começando uma sangrenta guerra que durou nove meses e custou 10 mil vidas.

***Fechadas as suas portas, o Congresso e grupos opositores rebelaram-se contra o presidente do Chile, começando uma guerra que durou nove meses e custou 10 mil vidas***

Balmaceda aumentou os pagamentos ao Exército para garantir a opressão pelas armas. Mas a Marinha, ligada ao estrangeiro – simplesmente por ficar mais

tempo em alto mar –e distante das disputas internas, ficou ao lado dos revolucionários. A divisão das Forças Armadas no Chile fez com que Nabuco se lembrasse da Revolta da Armada no Brasil, em que o Exército de Floriano impôs sua tirania contra a Marinha de Saldanha da Gama, que sustentava a tradição monárquica – “ele [Floriano] conseguiu esse prestígio empregando processos incompatíveis com o próprio instinto militar; não se fitando no ascendente da sua categoria, da sua pessoa ou da sua causa, nem no espírito de classe; mas, como Balmaceda, dando em uma guerra civil soldos de campanha”, escreveria no *Jornal do Comércio*.

Após a derrota de suas forças aliadas, Balmaceda refugiou-se na Embaixada argentina. Nabuco intitula como “Tragédia” esse ato final da vida do presidente chileno, que culminou com a decisão extrema do suicídio. A data escolhida foi 19 de setembro de 1891, um dia depois do fim do seu mandato. Não se tratava de um ato desvairado, mas refletido. Preocupou-se em escrever textos em sua defesa e para justificar o “sacrifício” em nome da nação. Antes de disparar o último tiro, Balmaceda teria contemplado da janela a Cordilheira dos Andes. Nabuco permite-se imaginar que o ditador enxergou ali a “imagem da antiga sociedade que pensara destruir, a sua formação áspera, a sua elevação lenta, por último a glória, a cultura, a riqueza que lhe revestira os cimos, como essa neve brilhante”, enquanto seu governo não passou de uma “avalanche”, “deixando o panorama exatamente o mesmo aos olhos do observador, envolvido no mesmo silêncio e na mesma luz”. Para um monarquista que ansiava por estabilidade, a sólida tradição da política chilena teria vencido a aventura passageira da política sul-americana. Impressão também passageira, pois outras “avalanches” ainda assolariam por muito mais tempo o Chile e o Brasil durante o século XX.

**Ricardo Souza de Carvalho** é professor da Universidade de São Paulo e autor de *A Espanha de João Cabral e Murilo Mendes* (Ed. 34, 2011).

#### **Saiba mais**

ALONSO, Angela. *Joaquim Nabuco: os salões e as ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NABUCO, Joaquim. *Balmaceda*. 4. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

NABUCO, Joaquim. *Diários. 1873-1910*. Organização de Evaldo Cabral de Mello. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2006.

NABUCO, Joaquim. *Essencial*. Organização de Evaldo Cabral de Mello. São Paulo: Penguin Classics/ Companhia das Letras, 2010.